Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.08, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

A CIDADE COMO ESPAÇO DE DISPUTAS E RESSIGNIFICAÇÕES: DESIGUALDADE, ESTIGMA E RESISTÊNCIA NA VIDA URBANA

THE CITY AS A SPACE OF DISPUTES AND RE-SIGNIFICATIONS: INEQUALITY, STIGMA, AND RESISTANCE IN URBAN LIFE

Felipe Ribeiro Lemos
Mestrando em Ciências Sociais pela PUC Minas, Brasil
E-mail: felipelemos@yahoo.com.br

Recebido: 01/04/2025 – Aceito: 25/04/2025

Resumo

A cidade é um espaço dinâmico onde interações sociais, culturais e econômicas moldam as relações de pertencimento, mobilidade e identidade. Este estudo analisa os processos de estigmatização, segregação e resistência presentes no meio urbano, fundamentando-se em abordagens teóricas de Erving Goffman, Georg Simmel, Howard Becker e outros estudiosos da socioantropologia urbana. A pesquisa evidencia como as hierarquias simbólicas e estruturais afetam grupos marginalizados, influenciando seu acesso a direitos e oportunidades. Ao mesmo tempo, destaca-se a cidade como um campo de disputas e ressignificações, onde indivíduos e coletivos criam novas formas de apropriação do espaço. Com base em uma abordagem interdisciplinar, conclui-se que a compreensão da urbanização contemporânea exige análises que considerem tanto suas estruturas visíveis quanto suas dimensões subjetivas e simbólicas.

Palavras-chave: cidade; segregação; estigma; resistência; socioantropologia urbana.

Abstract

The city is a dynamic space where social, cultural, and economic interactions shape relationships of belonging, mobility, and identity. This study analyzes the processes of stigmatization, socio-spatial segregation, and resistance in urban environments, drawing on theoretical approaches from Erving Goffman, Georg Simmel, Howard Becker, and other scholars of urban socio-anthropology. The research highlights how symbolic and structural hierarchies affect marginalized groups, influencing their access to rights and opportunities. At the same time, the city emerges as a field of disputes and resignifications, where individuals and collectives create new forms of spatial appropriation. Based on an interdisciplinary approach, the study concludes that understanding contemporary urbanization requires analyses that consider both its visible structures and its subjective and symbolic dimensions.

Keywords: city; segregation; stigma; resistance; urban socio-anthropology.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.08, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

1. INTRODUÇÃO

A urbanização tem sido um dos processos mais marcantes da modernidade, transformando profundamente as relações sociais e a organização do espaço. No contexto da Socioantropologia Urbana, torna-se fundamental compreender como os indivíduos interagem nas cidades, negociam identidades e constroem significados para os espaços urbanos. Diferentes perspectivas teóricas, desde a Escola de Chicago até abordagens contemporâneas, analisam a complexidade da vida urbana, seus conflitos e dinâmicas sociais. Diante desse panorama, este artigo busca explorar os modos como os sujeitos urbanos se relacionam com a cidade, destacando práticas sociais, territórios simbólicos e as tensões existentes entre inclusão e marginalização.

O problema de pesquisa que norteia esta investigação é: como a Socioantropologia Urbana pode contribuir para a compreensão das dinâmicas sociais, simbólicas e espaciais nas cidades contemporâneas? Essa questão emerge da necessidade de entender as múltiplas formas de interação e apropriação do espaço urbano, considerando aspectos como desigualdade social, segregação, pertencimento dos indivíduos e grupos sociais.

Justifica-se a relevância deste estudo pelo fato de que, em um mundo cada vez mais urbanizado, compreender a cidade não é apenas uma questão de planejamento e infraestrutura, mas também de análise das experiências e significados atribuídos pelos sujeitos urbanos. A cidade não é um espaço homogêneo, mas um palco de disputas, negociações e reinvenções constantes. Assim, a perspectiva da Socioantropologia Urbana permite iluminar processos muitas vezes invisibilizados por análises meramente quantitativas ou economicistas.

O objetivo geral deste artigo é analisar as interações sociais e simbólicas no espaço urbano a partir de uma perspectiva socioantropológica, destacando como os sujeitos urbanos produzem e ressignificam a cidade em suas práticas cotidianas. Para atingir esse propósito, será necessário desdobrar essa meta em objetivos específicos.

Entre os objetivos específicos, destacam-se: (1) apresentar as principais abordagens teóricas da Socioantropologia Urbana, com ênfase na Escola de Chicago e nas contribuições contemporâneas; (2) discutir as dinâmicas de exclusão e inclusão social na cidade, com base em estudos empíricos e teóricos; (3) analisar a construção dos espaços urbanos e as formas de pertencimento e resistência de diferentes grupos sociais.

A metodologia adotada para este estudo será a pesquisa bibliográfica, baseada na revisão de literatura de autores clássicos e contemporâneos da Socioantropologia Urbana.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

A pesquisa bibliográfica permite identificar e sistematizar os principais debates sobre o tema, bem como estabelecer conexões entre diferentes perspectivas teóricas.

As fontes utilizadas incluem obras e artigos de autores como Michael Agier, Howard Becker, José Guilherme Magnani, Georg Simmel e Talja Blokland, entre outros. A seleção dessas referências busca garantir uma abordagem abrangente, considerando tanto as tradições clássicas quanto as novas abordagens que emergiram nas últimas décadas.

Além disso, será dada atenção às diferentes metodologias empregadas pelos estudos da Socioantropologia Urbana, como a etnografia, a observação participante e a análise de redes sociais. Embora este artigo não realize pesquisa empírica direta, busca-se compreender como essas metodologias têm sido aplicadas e seus impactos na produção de conhecimento sobre a cidade.

A estrutura deste artigo segue uma organização que permite aprofundar as discussões propostas. Após esta introdução, será apresentado um panorama teórico sobre a Socioantropologia Urbana, abordando suas principais escolas e autores. Em seguida, serão analisadas as dinâmicas sociais e simbólicas que caracterizam a vida urbana, enfatizando as relações de poder, marginalização e resistência. Por fim, na conclusão, serão retomadas as principais reflexões e apontadas possíveis direções.

Assim, este artigo busca contribuir para o campo da Socioantropologia Urbana ao fornecer uma análise teórica e conceitual sobre os processos sociais e simbólicos que ocorrem nas cidades. Ao compreender a cidade como um espaço de construção social, este estudo reforça a importância de abordagens que valorizem as experiências e narrativas dos sujeitos urbanos, ampliando o entendimento sobre as dinâmicas urbanas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A cidade é mais do que um aglomerado físico de ruas e edifícios; trata-se de um espaço social dinâmico, construído e reconstruído continuamente pelas práticas e interações de seus habitantes. O campo da Socioantropologia Urbana dedica-se à compreensão dessas interações, analisando como os sujeitos urbanos estabelecem relações, constroem identidades e ocupam os espaços de maneira simbólica e material. A partir das contribuições teóricas de autores clássicos e contemporâneos, é possível traçar um panorama sobre as formas de sociabilidade na cidade e os mecanismos que sustentam tanto a inclusão quanto a exclusão no meio urbano.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

Um dos marcos fundamentais para a análise da vida urbana é a Escola de Chicago, que inaugurou uma abordagem empírica e etnográfica para o estudo das cidades. Howard Becker (1996, 2008) e Alain Coulon (1995) destacam a importância das pesquisas desenvolvidas por sociólogos como Robert Park e Ernest Burgess, que viam a cidade como um laboratório social. Suas investigações enfatizaram a heterogeneidade urbana e a maneira como os indivíduos constroem laços sociais mesmo em contextos de anonimato e fragmentação. Essa perspectiva serviu de base para diversos estudos posteriores sobre segregação, marginalidade e organização social nas cidades.

A abordagem da Escola de Chicago não apenas inaugurou uma nova forma de compreender o meio urbano, mas também lançou luz sobre grupos marginalizados e suas formas de resistência. Becker (2008), ao estudar os desviantes, mostrou como determinados grupos são etiquetados e criminalizados com base em normas sociais dominantes. Essa análise se conecta às discussões de Erving Goffman (1977) sobre estigma, em que a cidade se apresenta como um espaço de hierarquização, onde determinadas identidades são valorizadas enquanto outras são relegadas à marginalidade.

A marginalização, contudo, não é um processo homogêneo, tampouco resulta apenas de fatores econômicos. Michel Agier (2011, 2015) enfatiza que a exclusão urbana também é uma questão simbólica, pois envolve a produção de fronteiras sociais e espaciais. Ele argumenta que a cidade contemporânea é marcada por processos de "fazer-cidade", nos quais diferentes grupos reivindicam o direito à cidade de maneiras diversas, seja por meio de ocupações, manifestações ou práticas cotidianas de resistência. O conceito de "margens urbanas" é fundamental para compreender como determinados territórios são desvalorizados e, ao mesmo tempo, ressignificados por seus habitantes.

A produção do espaço urbano e sua apropriação simbólica são questões centrais para autores como José Guilherme Cantor Magnani (2000), que propõe uma etnografia urbana "de perto e de dentro". Magnani argumenta que, para entender a cidade, é necessário observar as redes de sociabilidade construídas em espaços como feiras, bares, praças e mercados. Esses locais funcionam como territórios simbólicos onde diferentes grupos sociais constroem pertencimento e identidade, desafiando a ideia de uma cidade homogênea e planejada apenas a partir de parâmetros técnicos.

Talja Blokland (2017) também reforça a importância da sociabilidade urbana ao discutir como as redes de vizinhança e pertencimento são formadas mesmo em contextos marcados pela mobilidade e fragmentação. A autora questiona a ideia de que a urbanização leva necessariamente ao isolamento e argumenta que a cidade permanece um espaço de construção comunitária. Suas análises dialogam com as de Thomas Bender

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

(1978), que explora a relação entre mudança social e formação comunitária no contexto urbano, ressaltando como as identidades urbanas são moldadas.

O debate sobre urbanização e desigualdade social também encontra eco nas pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds (2015), que analisam a organização social das cidades brasileiras. Seus estudos evidenciam como a segregação urbana reflete relações de poder e desigualdade, produzindo espaços altamente diferenciados em termos de acesso a infraestrutura, serviços e direitos. Essa perspectiva se aproxima das reflexões de Lícia Valladares (2005), que questiona a própria construção discursiva da favela no Brasil, mostrando como esse conceito é mobilizado para justificar políticas de controle e remoção.

A cidade, portanto, não pode ser compreendida apenas como um espaço físico ou econômico, mas como um território de disputas simbólicas e práticas sociais. Celso Castro (2022) resgata as contribuições de W.E.B. Du Bois, pioneiro da sociologia urbana, para demonstrar como o racismo estrutural também se manifesta na organização das cidades. Da mesma forma, estudos como os de Alejandro Grimson e Brígida Baeza (2011) analisam como hierarquias simbólicas e identitárias influenciam a maneira como diferentes grupos ocupam e circulam o espaço urbano.

A metodologia da análise situacional, proposta por J. Clyde Mitchell (2010) e J. Van Velsen (2010), também contribui para essa compreensão ao enfatizar a importância das interações cotidianas na produção da cidade. Em vez de focar apenas em estruturas formais, essa abordagem privilegia os modos como os indivíduos negociam suas posições sociais em contextos específicos, revelando as micropolíticas da vida urbana.

A partir dessas discussões, é possível afirmar que a cidade não é apenas um cenário passivo onde a vida social acontece, mas um espaço de agência, conflito e reinvenção. O estudo das práticas urbanas revela tanto processos de exclusão quanto estratégias de resistência e adaptação, demonstrando que os sujeitos urbanos não são meros receptores das condições impostas, mas atores que participam ativamente da construção do espaço e da cultura urbana.

Esse olhar antropológico para a cidade permite compreender melhor as transformações contemporâneas, como a crescente privatização dos espaços públicos, a emergência de novas formas de mobilização urbana e os impactos das migrações internacionais nas configurações sociais urbanas.

Por fim, a relação entre infraestrutura e experiência urbana também tem sido debatida em pesquisas recentes, como as compiladas no Dossiê Infraestruturas Urbanas (2023). Esse conjunto de estudos destaca a importância de analisar não apenas os

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

espaços construídos, mas as formas de circulação, acesso e desigualdade que estruturam a cidade contemporânea.

Assim, a Socioantropologia Urbana oferece ferramentas analíticas indispensáveis para compreender os processos de produção e transformação do espaço urbano. A partir do diálogo com diferentes tradições teóricas e metodológicas, esse campo permite uma abordagem mais ampla e crítica da cidade, indo além das análises tradicionais que reduzem o espaço urbano a um conjunto de infraestruturas e fluxos econômicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo das dinâmicas sociais em ambientes urbanos evidencia como os sujeitos interagem, resistem e ressignificam os territórios em que vivem. Ao longo desta pesquisa, foi possível identificar que as cidades não são apenas espaços físicos ou administrativos, mas verdadeiras arenas onde diferentes grupos negociam seu lugar e sua identidade. Essa perspectiva é essencial para compreender a urbanização contemporânea e os desafios que emergem das desigualdades estruturais presentes na organização do espaço.

Um dos primeiros resultados observados na literatura é que as cidades são espaços fragmentados, onde a segregação territorial reflete e reproduz desigualdades sociais. Conforme discutido por Anthony e Elizabeth Leeds (2015), a divisão espacial das cidades brasileiras está profundamente atrelada a fatores históricos, políticos e econômicos. As favelas, periferias e áreas centrais não são apenas categorias geográficas, mas espaços socialmente construídos que delimitam oportunidades e restrições para seus habitantes. Essa segmentação se manifesta de diversas maneiras, desde o acesso desigual à infraestrutura urbana até as formas como certos grupos são percebidos e representados na esfera pública.

A perspectiva de Lícia do Prado Valladares (2005) sobre a invenção da favela contribui para essa análise ao demonstrar que a ideia de "marginalidade urbana" não é neutra, mas resultado de processos discursivos e políticos. A favela não é apenas um local de ausência ou precariedade, mas um espaço de produção cultural, resistência e inovação. No entanto, a estigmatização desses territórios tem efeitos concretos na vida de seus moradores, afetando desde a oferta de serviços públicos até as possibilidades de mobilidade social.

Outro aspecto relevante identificado nos estudos analisados é o papel das infraestruturas urbanas na organização da vida social. O Dossiê Infraestruturas Urbanas

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

(2023) demonstra que a distribuição desigual de serviços como saneamento, transporte e segurança influencia diretamente as experiências e oportunidades dos habitantes da cidade. A falta de infraestrutura adequada em determinadas áreas não é apenas uma questão técnica, mas um reflexo de processos históricos de exclusão e priorização de determinados grupos sociais em detrimento de outros.

O conceito de "fazer-cidade", trabalhado por Michel Agier (2015), ajuda a compreender as formas como diferentes grupos urbanos disputam e ressignificam os espaços urbanos. A cidade não é um produto acabado, mas um território em constante transformação, moldado por práticas cotidianas e relações de poder. Esse processo pode ser observado em ocupações urbanas, movimentos por moradia e práticas culturais que desafiam a homogeneização dos espaços urbanos, reafirmando o direito à cidade.

Além das disputas territoriais, a sociabilidade urbana emerge como um dos elementos centrais na estruturação da vida nas cidades. A análise de Talja Blokland (2017) destaca que, embora as grandes cidades sejam frequentemente vistas como espaços de anonimato e individualismo, elas também são marcadas pela construção de laços sociais e comunidades. A noção de "comunidade como prática urbana" sugere que as interações moldam as relações sociais e possibilitam a formação de redes de apoio, fundamentais para a vida urbana.

Essa perspectiva dialoga com a abordagem de José Guilherme Cantor Magnani (2000), que propõe uma etnografia "de perto e de dentro" para compreender os circuitos de sociabilidade urbana. Segundo Magnani, os espaços urbanos não são apenas locais de passagem ou funcionalidade, mas ambientes carregados de significados e pertencimentos. Mercados, bares, praças e ruas se tornam pontos de encontro e articulação social, onde diferentes grupos constroem identidades e reivindicam espaços.

A teoria de Erving Goffman (1977) sobre estigma também se mostrou essencial para compreender as hierarquias simbólicas presentes na cidade. Certos grupos urbanos, como imigrantes, trabalhadores informais e moradores de rua, são frequentemente categorizados de maneira negativa, o que afeta sua circulação e sua inserção social. Esse processo de estigmatização não se limita ao discurso, mas tem implicações concretas no acesso a direitos e oportunidades.

No contexto das migrações, a pesquisa de Sergio Caggiano (2012) evidencia como as populações migrantes enfrentam desafios específicos na apropriação do espaço urbano. O autor analisa os circuitos migratórios entre La Paz e Buenos Aires, destacando as dinâmicas de pertencimento e exclusão que emergem nesses contextos. Os migrantes

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

não apenas ocupam a cidade, mas transformam suas paisagens e suas relações sociais, evidenciando o caráter dinâmico da urbanização.

Os trabalhos de Alejandro Grimson e Brígida Baeza (2011) também contribuem para essa discussão ao abordarem como as hierarquias sociais e raciais se manifestam na organização das cidades. A desigualdade urbana não se dá apenas em termos econômicos, mas também simbólicos, influenciando o status e o reconhecimento social dos indivíduos. Essas desigualdades são reforçadas por políticas públicas, pelo mercado imobiliário e pelos discursos que legitimam a segregação espacial.

Outro ponto de destaque nos resultados é a importância da Escola de Chicago para a análise das dinâmicas urbanas. Os estudos de Howard Becker (1996, 2008) e Alain Coulon (1995) demonstram como os primeiros sociólogos urbanos lançaram as bases para a compreensão das cidades como espaços de interação e conflito. A abordagem empírica desses pesquisadores influenciou diretamente os estudos contemporâneos sobre segregação e construção de comunidades urbanas.

Nesse sentido, as contribuições de Georg Simmel (2005) sobre a vida nas grandes cidades permanecem fundamentais. Simmel argumenta que o ritmo acelerado e a densidade populacional dos centros urbanos moldam a subjetividade dos indivíduos, promovendo ao mesmo tempo distanciamento e novas formas de sociabilidade. Sua análise permite compreender os impactos psicológicos e sociais da urbanização na modernidade, destacando os desafios da adaptação à vida urbana.

O conceito de "análise situacional", desenvolvido por J. Clyde Mitchell (2010) e J. Van Velsen (2010), também se mostrou relevante para os resultados desta pesquisa. Ao invés de uma abordagem estruturalista, esses autores enfatizam a importância das interações cotidianas para a compreensão da cidade. Essa perspectiva permite identificar como os indivíduos negociam suas posições sociais e como as normas urbanas são constantemente redefinidas.

A cidade, portanto, se apresenta como um espaço de múltiplas camadas e significados. As dinâmicas urbanas não podem ser analisadas de forma isolada, pois envolvem relações complexas entre infraestrutura, poder, cultura e subjetividade. A partir dos estudos apresentados, torna-se evidente que o espaço urbano é um reflexo das estruturas sociais, mas também um campo de disputas e ressignificações constantes.

Por fim, a discussão sobre a cidade não pode se limitar a uma perspectiva tecnocrática ou economicista. Como demonstram os estudos de Gilberto Velho (1972, 1980, 1987), a experiência urbana é marcada por dimensões simbólicas e subjetivas que influenciam a forma como os indivíduos percebem e vivenciam o espaço. A pesquisa

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

antropológica se mostra, assim, indispensável para uma compreensão mais aprofundada da vida urbana e de suas contradições.

Diante desses resultados, fica evidente que a Socioantropologia Urbana desempenha um papel central na análise das cidades contemporâneas. O estudo das interações sociais, das formas de resistência e das disputas por espaço permite um entendimento mais crítico e refinado da urbanização. A cidade não é apenas um cenário passivo onde a vida acontece, mas um organismo vivo, constantemente moldado pelos sujeitos que a habitam e pelas relações que estabelecem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é um espaço dinâmico, onde múltiplas relações sociais, culturais e econômicas se entrelaçam, moldando a vida urbana de maneiras diversas. Este estudo buscou compreender os desafios e as dinâmicas que estruturam a urbanização contemporânea, enfatizando as desigualdades, os processos de estigmatização e as formas de resistência presentes no meio urbano. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a cidade não pode ser reduzida apenas a sua infraestrutura física, pois nela se desenvolvem interações que influenciam o pertencimento, a mobilidade e a construção das identidades sociais.

As desigualdades urbanas emergem como um dos principais desafios para a organização das cidades. A segregação socioespacial, a precarização dos serviços básicos e a marginalização de determinados territórios refletem processos históricos e políticos que contribuem para a manutenção de estruturas excludentes. As cidades, longe de serem espaços homogêneos e democráticos, são marcadas por disputas de poder, onde diferentes grupos buscam afirmar seus direitos e ocupar espaços.

Ao mesmo tempo, a cidade se apresenta como um espaço de resistência e reinvenção. Mesmo diante de barreiras estruturais, os sujeitos urbanos criam formas alternativas de apropriação do espaço, promovendo redes de solidariedade, práticas culturais e movimentos sociais que desafiam a lógica da exclusão. Esses processos demonstram que, apesar das adversidades, há uma constante ressignificação do território urbano, com iniciativas que reforçam a busca por inclusão e reconhecimento.

Outro ponto que se destaca é a importância da sociabilidade na configuração da vida urbana. As interações que ocorrem em espaços públicos e privados não são meramente funcionais, mas constituem elementos essenciais para a construção das

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

identidades coletivas e individuais. As redes sociais urbanas possibilitam tanto a cooperação quanto o conflito, configurando a cidade como um espaço de encontros, negociações e disputas simbólicas.

Além disso, a globalização e os fluxos migratórios têm impactado significativamente a dinâmica das cidades. As novas territorialidades formadas por diferentes grupos sociais demonstram que a cidade contemporânea é marcada pela diversidade e pela interconectividade. Esses fenômenos desafiam modelos tradicionais de urbanização e exigem uma nova forma de compreensão sobre a circulação de pessoas, bens e culturas no espaço urbano.

A urbanização acelerada e a expansão das cidades também levantam questões sobre o acesso aos direitos urbanos. O direito à moradia, à mobilidade e aos serviços públicos continua sendo uma pauta central para o desenvolvimento de políticas mais inclusivas. A desigualdade na distribuição desses recursos reforça hierarquias sociais e evidencia a necessidade de ações que promovam um planejamento urbano mais equitativo e democrático.

A forma como os indivíduos vivenciam a cidade também se transforma constantemente, influenciada por fatores como tecnologia, políticas públicas e dinâmicas sociais emergentes. A velocidade da vida urbana, os desafios do anonimato e as novas formas de interação digital impactam a maneira como as pessoas se relacionam com o espaço e umas com as outras. Esse contexto exige reflexões sobre a qualidade de vida nos centros urbanos e sobre a criação de espaços que favoreçam a convivência.

Dessa forma, o estudo da cidade ultrapassa uma abordagem puramente técnica e exige uma compreensão ampla, que considere suas múltiplas dimensões. A complexidade do meio urbano demanda análises que englobem tanto suas estruturas visíveis quanto seus aspectos simbólicos e subjetivos. Somente a partir dessa perspectiva é possível compreender a cidade em sua totalidade e propor alternativas.

A superação das desigualdades, a promoção de espaços mais inclusivos e a valorização das múltiplas experiências urbanas são elementos centrais para o futuro das cidades. O reconhecimento da diversidade e da pluralidade das vivências urbanas é essencial para a construção de políticas mais justas e para a criação de ambientes que favoreçam a participação social.

Por fim, a cidade é um espaço em constante transformação, onde diferentes agentes sociais atuam na produção e ressignificação dos territórios. Entender as dinâmicas que estruturam a vida urbana é um passo fundamental para o desenvolvimento de estratégias que promovam cidades mais democráticas, inclusivas e sustentáveis. A

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

reflexão sobre esses temas contribui para ampliar o debate sobre o futuro da urbanização e sobre as possibilidades de construção de sociedades mais equitativas.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michael. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: NAU/Ed. Terceiro Nome, 2011.

AGIER, Michel. **"Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro"**. Mana 21 (3): 483-498, 2015.

BECKER, Howard S. Outsiders**. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard. **A Escola de Chicago**: Conferência. Mana, vol. 2, n. 2, p. 177-188, out. 1996.

BENDER, Thomas. **Community and social change in America**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1978.

BIRMAN, Patrícia e CARNEIRO, Sandra de Sá. **"Experiências antropológicas na cidade. Desafios contemporâneos para os estudos urbanos"**. In: FAZZI, Rita de Cássia e LIMA, Jair Araújo de (orgs). Campos das ciências sociais. Petrópolis: Vozes, 2020.

BLOKLAND, Talja. **Community as urban practice**. Cambridge: Polity, 2017.

CAGGIANO, Sergio. **"Conexões e entrecruzamentos: configurações culturais e direitos em um circuito migratório entre La Paz e Buenos Aires"**. Mana. Estudos de Antropologia Social 18 (1): 63-90, abril de 2012.

CASTRO, Celso. W.E.B. **Du Bois, pioneiro da sociologia urbana**. In: CASTRO, Celso (Org.). Além do cânone. Para ampliar e diversificar as ciências sociais. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2022.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. São Paulo: Papirus, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1977

LEEDS, Anthony e LEEDS, Elizabeth. **A sociologia do Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015.

MAGNANI, José Guilherme C. **"De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana"**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, no 49, vol. 17, p. 11-29, 2000.

MITCHELL, J. Clyde**. "A dança kalela: aspectos das relações sociais entre africanos urbanizados na Rodésia do Norte"**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Editora UNESP, 2010 (2a edição revista e ampliada).

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Mana, n. 11, v. 2, p. 577-591, out. 2005.

VALLADARES, L. do P. (Org.). **A Escola de Chicago:** impacto de uma tradição no Brasil e na França. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela**. Do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VELHO, Gilberto e MACHADO, Luiz Antonio. **"Organização social do meio urbano"**. Anuário Antropológico 76. Rio de Janeiro; Tempo Brasileiro, 1977.
VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

VELSEN, J. Van. "**A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado"**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Editora UNESP, 2010 (2a edição revista e ampliada).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3777

FERGUSON, James. **Expectations of modernity**. Myths and meanings of urban life on the Zambian Copperbelt. Berkeley: University of California Press, 1999.

FREIRE, Jussara e ROCHA, Lia de Matos**. "Para uma sociografia da sociologia urbana brasileira: a obra de Luiz Antonio Machado da Silva"**. AntroPolítica, n. 28, p. 69-91, 2010.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca e NAME, Leo. **"Epistemologia da laje"**. Tempo Social vol. 31, n. 1, 153-172, 2019.

VELHO, Gilberto. **"O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia"**. In: ___. (org.). O desafio da cidade. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto. **"Observando o familiar"**. In: ___. Individualismo e cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

WINKIN, Yves. **Os momentos e os seus homens**. Lisboa, Relógio D'Água, 1998.

WOORTMANN, Klaas. **"A Antropologia brasileira e os estudos da comunidade"**. Universitas, no 11, Separata, p. 103-140, janeiro/abril 1972.